

**Sgt JUAN MARTINEZ BENDER
Sgt VICTOR DE CARVALHO MATTOS CAVALCANTE**

RESUMO

No período entre guerras, quando Forças Armadas de todo o mundo ainda processavam o avanço das Comunicações HF evidenciado na Primeira Guerra, uma infiltração estrangeira foi empreendida sem sucesso em solo brasileiro. O presente artigo tem por objetivo analisar a estrutura e o planejamento de comunicações, empregados pelas forças invasoras, no evento que se tornaria marco na história militar e do país: a Intentona de novembro de 1935. Por meio de uma revisão bibliográfica, constatou-se que, a despeito do financiamento soviético, as falhas de Comando e Controle contrastam com a ambição do empreendimento e concorreram para o seu fracasso.

Palavras-chave: História Militar. Comando e Controle. Intentona de 1935.

1 INTRODUÇÃO

Quando a URSS se desintegrou em 1991, a abertura dos primeiros arquivos de Moscou possibilitou a confirmação de detalhes sobre a investida soviética, ocorrida em 1935, em solo brasileiro. O pioneiro estudo dessa documentação, empreendido pelo jornalista William Waack, resultou na elaboração do livro *Camaradas: nos arquivos de Moscou*. É no esforço de estabelecer um diálogo entre as informações contidas na referida obra e os princípios de Comando e Controle, extraídos do Manual EB20-MC-10.205, que o presente artigo visa discorrer sobre os dados disponíveis acerca das Comunicações empregadas em um episódio decisivo de nossa História Militar.

Como forma de complemento ao estudo, foram consultadas fontes bibliográficas que circundam o tema, tais como o trabalho historiográfico do general José Campos de Aragão acerca dos inquéritos e boletins da Intentona; e a tese de doutorado do historiador Rodrigo Patto de Sá Motta, que versa sobre o estudo do anticomunismo no Brasil.

2 O RÁDIO OPERADOR DE MOSCOU

Na madrugada de dezoito para dezenove de novembro de 1935, as festividades de um evento restrito ecoaram no interior de um apartamento em Copacabana, no Rio de Janeiro. Tratava-se da comemoração pelo serviço, enfim concluído, do rádio operador Victor Allen Baron – um agente de Moscou designado para a montagem do rádio transmissor que conectaria o Brasil à União Soviética, naquela que seria a grande missão da vida de Victor.

O primeiro contato deveria ter ocorrido em 21 de setembro; contudo, para o desespero do comunicante, a recepção perfeita dessa primeira tentativa de transmissão contrastou com o absoluto silêncio-rádio do outro lado da rede, indicando falha no estabelecimento do enlaceⁱ.

De julho a agosto, Baron esteve empenhado na montagem artesanal que aprendera na secreta escola de rádio e comunicações, localizada na então capital do mundo comunista. Considerando a realidade tecnológica da época, parte importante da formação do rádio operador soviético consistia na capacitação para a montagem de seu próprio aparelho transceptor, no posto, quase sempre avançado e isolado, onde a ação deveria ocorrerⁱⁱ. Devido a tuberculose e sífilis de Baron, os demais



integrantes da equipe preocupavam-se quanto a sua baixa imunidade perante os “possíveis percalços” de uma eventual prisão.

Já eram patentes o desgaste físico e a lentidão oriunda, entre outros motivos, pela pressão inerente aos procedimentos básicos de segurança das comunicações tais como a transmissão em código morse e o minucioso uso de grupos cifrados de cinco letras. Para autenticação, seriam utilizadas, ainda, as primeiras três letras de uma página pré-estabelecida, ajustada para a posição vertical do livro *Man with talent*.

Naquela noite de comemorações de dezenove de novembro, porém, as dificuldades pareciam enfim superadas na Estação Rádio de Copacabana. A rede rádio fora finalmente aberta com “saudações revolucionárias” e “abraços bolchevistas”. A missão finalmente estava pronta para começar - seria a última do jovem Victor Baron.

3 O ELO DE LIGAÇÃO

Cotado para um alto posto militar no movimento de outubro de 1930, a recusa do líder tenentista, Luís Carlos Prestes, em participar da revo-lução que alçou Getúlio Vargas ao poder, não o impidiu de aceitar o dinheiro oferecido em troca de sua participação. "Ele o guardaria para financiar sua própria revolução" nos diz Waack (1993, p.29) - ironicamente, uma revolução empreendida contra o próprio governo Vargas.

O dinheiro entregue a Prestes acabaria por servir como bilhete de ingresso aos círculos do Partido Comunista da União Soviética, o qual, até sua desintegração em 1991, manteria estrito controle da direção política do Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundado em 1922. Os arquivos pesquisados por Waack indicam que os fundos proporcionados por Prestes, além de alçá-lo membro do comitê executivo da IC, junto a nomes como Stalin e Mao Tsé-tungⁱⁱⁱ, possibilitou o

financiamento de diversos partidos comunistas na América do Sul até, pelo menos, o final de 1933. O montante de cerca de 80 mil dólares dedicados à operação brasileira, no entanto, não passava de 5% do que o Exército Vermelho investira com espionagem em países como Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos^{iv}.

Ao longo da década de 1930, enquanto militares ligados ao governo ocupavam cargos estratégicos em áreas como Comissão de Siderurgia e Conselho Nacional do Petróleo, nos bastidores da tropa uma ameaça pairava em silêncio. Beneficiado pelo surto de indisciplina do início dos anos 1930, o PCB colhia os primeiros frutos do fiel cumprimento da diretriz soviética emitida no II Congresso da Internacional, em Moscou, segundo a qual: a expansão da ideologia soviética para os demais países deveria ocorrer por meio da infiltração política em setores estratégicos, entre eles, sindicatos e quartéis^v.

A construção da imagem de líder atribuída à Carlos Prestes, em torno do qual forjou-se a promessa de dias melhores, foi, portanto, fortalecida pelo descontentamento com soldo e redução de efetivos. Finalmente, em 5 de julho de 1935, um manifesto foi emitido conclamando as Forças Armadas a apoiarem a Aliança Nacional Libertadora na realização de uma “revolução imediata”. Quem o assinava era Carlos Prestes. Como resposta, amparado na recém criada Lei de Segurança Nacional^{vi}, o presidente Getúlio Vargas decretou a ilegalidade da ANL, seguindo-se o imediato fechamento de 1,5 mil núcleos estruturados pelo Brasil. Os documentos apreendidos confirmaram a existência de uma tentativa de golpe de Estado em marcha^{vii}. Ainda que clandestina, porém, uma ligação entre a ANL e militares vinha sendo estabelecida. De acordo com Moraes e Viana (1982 apud Vicentino, 2009, p.360):

O próprio Prestes mais tarde diria: “[...] era muito mais fácil construir o partido (comunista) dentro dos quartéis do que



insurreição. Segundo Reis (2014, p.182), Prestes acreditava que uma vitória localizada se irradiaria rapidamente por todo o território brasileiro. Sua consciência situacional, no entanto, era precária e se limitava à área militar - o que o isolava, portanto, dos demais fatores imprescindíveis à tomada de decisão^{xx}.

Quando a revolta finalmente eclodiu em Recife - a despeito de uma significativa distribuição de armas a populares - a esperada adesão popular em massa, inerente ao êxito da esperada revolução, não aconteceu^{xxi}.

5 COMANDO E DESCONTROLE

Fator de sucesso ou fracasso nas operações, o Comando e Controle - entendido como o exercício da direção que um comandante tem sobre as forças comandadas, para o cumprimento da missão - é um indicador reconhecidamente decisivo para a competência gerencial^{xxii}. No tocante à Intentona, trancado em um QG improvisado no bairro de Vila Isabel, no Rio, o capitão encarregado pela URSS de comandar a revolução não sabia o que se passava no front. De acordo com Waack (1993, p.232):

Às cinco da manhã, um mensageiro anunciou que a Vila Militar, onde se concentravam 10 mil soldados do Exército, havia aderido à insurreição. Quinze minutos depois, outro mensageiro chegou dizendo que a Vila Militar estava do lado do governo. Às oito da manhã, com Martins avisando que a Escola de Aviação Militar havia se rebelado (nesse exato momento os revoltosos nessa unidade estavam se rendendo).

Agravando a situação, diante do fluxo de informações desencontradas e contraditórias, Prestes e as lideranças do Comitê Central passaram a utilizar como fonte para a tomada de decisão a repercussão noticiada pela imprensa convencional. Em um comparativo qualitativo das comunicações

internas e externas, utilizadas para a operação, constata Reis (2014, p.185):

Se com Moscou as comunicações tinham alcançado certo nível de sofisticação, através de um fluxo regular de telegramas codificados e até de um rádio transmissor-receptor, montado, afinal, por Victor Baron, em fins de novembro, o sistema de comunicações do Partido dentro do país continuava, como sempre fora, muito precário.

Entre os documentos secretos apreendidos após o fracasso do golpe, encontra-se um radiograma datado de 3 julho de 1935, que especificava quais unidades, naquele momento, teriam supostamente declarado apoio às ordens de Prestes. Entre elas, de acordo com Waack (1993, p. 161), estariam unidades militares localizadas em São Paulo, Santa Catarina, Piauí e Ceará, além dos cinco principais fortes no Rio de Janeiro, uma companhia de metralhadoras e dois regimentos de artilharia pesada. De fato, três unidades militares que aderiram quase inteiramente ao movimento, o 21º BC, o 29º BC e o 3º RI, acabariam posteriormente extintas por decreto presidencial^{xxiii}. Ainda sobre o valor qualitativo dos documentos deixados por Prestes:

Esses papéis não apenas comprovavam as conexões internacionais do movimento, o que em si já se constituía em apreciável reforço propagandístico, que o governo Vargas soube utilizar com eficiência. Os mais de mil documentos apreendidos, segundo os autos policiais, permitiam uma visão em profundidade dos objetivos, métodos e estrutura da organização do Bureau Sul-Americano do Komintern, e não apenas no Brasil (Waack, 1993, p.255).

Se, no plano interno, a liderança autocrática^{xxiv} de Prestes levou a falhas de segurança; no plano externo, houve também falha no princípio da rapidez^{xxv}. Na manhã de 27 de novembro, um radiograma oriundo de Moscou,



nas fábricas. Depois do movimento de 30, estabeleceu-se uma grande anarquia nas Forças Armadas. Mas havia uma falha: o trabalho não era feito no sentido de organizar os soldados para apoiar o movimento operário. Era um trabalho meramente agitativo.

Em 1935, mesmo clandestina desde 12 de julho, a ANL contava com ramificações em áreas estratégicas como Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e Guarda Civil. Controlada pelo PCB, a organização passara, por consequência, a receber o apoio do Komintern em Moscou^{viii}. Naqueles meses de 1935, enquanto Victor Baron preparava seu equipamento rádio, panfletos clandestinos circulavam em quartéis visando a convocação das praças para uma revolução armada.

4 O PLANEJAMENTO E A REDE RÁDIO

Em caráter simbólico, Prestes escolheu o mês de novembro, tão representativo para os simpatizantes da Revolução Russa de 1917. Ainda que a eclosão do movimento estivesse a cargo de militares cooptados, houve, desde o início, a expectativa de adesão de civis que seriam armados após a tomada dos quartéis. Esse plano concretizou-se nas insurreições do Nordeste, mas não se repetiu no Rio de Janeiro dado o grau de preparação com a quebra do elemento surpresa ocasionado pela antecipação em Natal. O motivo desse adiantamento possui diferentes versões: a primeira delas, é associada a um erro de Comunicações. O dia “D” da Intentona seria originalmente o 5 de dezembro, porém, a falha procedural que acoplou ao invés de somar os co-dinúmeros 2 e 3, acabou precipitando o movimento para 23 de novembro^{ix}. A segunda versão atesta que o adiantamento do levante deve-se, na verdade, ao comando do 210º BC, de Natal, que, na segunda-feira, dia 25, resolveu promover a baixa de alguns soldados e cabos ligados ao PCB. Por essa razão, a célula comunista do batalhão teria, por conta própria, optado pela antecipação da Intentona^x.

Quanto ao planejamento da ação, os arquivos de Moscou indicam que a Intentona, a princípio, não deveria parecer um empreendimento soviético, mas sim uma insurreição autônoma e anti-imperialista vinculada aos ideais da coluna Prestes - monitoradas desde 1927 pela URSS^{xi}.

A ligação, no entanto, ficaria clara logo que desarticulada, graças à insistência do "cavaleiro da esperança"^{xii} em negligenciar normas de segurança, como por exemplo a determinação de que todos os documentos deveriam ser queimados^{xiii}. A distribuição de postos rádios de transmissão, no enlace entre Moscou e Brasil, possibilitou não apenas o conhecimento das atividades do Komintern na América Latina, mas o vazamento do retorno clandestino de Prestes ao Brasil.

No quesito segurança das comunicações, Prestes cometeu erros de toda sorte, alguns incompatíveis com a experiência militar pela qual era co-nhecido. Mesmo o assessoramento da agente do serviço soviético, Olga Benário, não foi suficiente para que Prestes evitasse de despachar estafetas para contatar militares dos quais o capitão sequer tinha certeza se estariam dispostos a pegar em armas contra o governo^{xiv}.

Em fins de junho o serviço secreto inglês alertara o governo brasileiro da concentração de forças soviéticas no Brasil^{xv}. Na Rede Rádio que ora se instalava, postos de retransmissão radiotelegráfica foram descentralizados em cidades europeias^{xvi}, tendo Paris recebido o indicativo de N26; e Genebra o indicativo N17. Quanto à Estação montada no Rio de Janeiro, esta ficaria com o indicativo N20^{xvii}. Alguns autores discutem a possibilidade de que um dos agentes envolvidos na Intentona, Johann de Graaf, fosse, na verdade, um duplo espião a serviço do serviço de inteligência britânico^{xviii}.

As informações repassadas por Prestes a fim de subsidiar a tomada de decisão na sede do PCUS^{xix}, em Moscou, eram otimistas e superestimavam as condições para a eclosão da



recebido pela Estação de Copacabana, autorizava enfim a eclosão do levante armado. Naquele instante, a Intentona Comunista havia começado já havia quatro dias, por meio do 21º Batalhão de Caçadores, em Natal^{xxvi}. Quando o radiograma de autorização deu entrada na Estação N20, o movimento já dava seus últimos suspiros^{xxvii}. Era o fim da primeira e mais significativa incursão armada e estrangeira, de caráter comunista, em solo brasileiro; aquela que, junto a outras tentativas esparsas - Bulgária e Alemanha em 1923, Indonésia em 1926, China em 1927 - seria descrita pelo historiador Eric Hobsbawm (1995, p.77) como “tardia, desastrosa e anômala”.

6 ANÁLISE PÓS AÇÃO

No dia 27, vencido o 3º RI, no Rio de Janeiro, Unidade que, caso vitoriosa, avançaria sobre o Palácio Guanabara, onde residia o presidente (Reis, 2014, p. 187), o jornal *A Manhã* fez circular um atrasado manifesto escrito dias antes por Prestes cujo título anunciava: “Carlos Prestes à frente da insurreição armada no Rio^{xxviii}”. Um relatório do Serviço Secreto Soviético (KGB^{xxix}) de 1969, demonstra que dirigentes do PCB responsabilizam Prestes não apenas pelos vazamentos de arquivos secretos da Intentona, mas também por outros dois ocorridos em 1947 e 1964^{xxx}.

O rastro de pistas deixado pelo capitão possibilitou que a polícia o surpreendesse de pijama, na alvorada de 5 de março de 1936. É possível que o informe decisivo tenha sido fornecido por ninguém menos que o rádio operador Victor Baron, antes de suicidar-se, pulando do edifício da Polícia Central do Rio de Janeiro^{xxxi}.

Na ocasião da prisão de Prestes, uma grávida Olga Benário cumpriu a missão que lhe fora confiada em Moscou: colocou-se diante do comandante derrotado, salvando-lhe a vida^{xxxii}.

Como a história se encarregaria de mostrar, a jovem agente secreta não teria a mesma sorte^{xxxiii}.

Uma série de indicadores permitem supor que a Intentona tinha potencial para um alcance maior caso não tivesse sido precipitada em Natal^{xxxiv}. Entre os subsídios para tanto constam a panfletagem recolhida^{xxxv} e a prisão de militares em quartéis pelo país, flagrados e frustrados na tentativa de provocar novas agitações^{xxxvi}. Mais do que isso, Motta observa que a Internacional Comunista deslocou para o Brasil um número de agentes em quantidade superior ao “considerado normal” - cerca de dez, dentre eles, especialistas em bombas e em radiotransmissões^{xxxvii}.

7 CONCLUSÃO

A partir da bibliografia analisada, é possível concluir que as negligências de Comando e Controle, em especial, no âmbito da administração das informações, foram decisivas para o fracasso da investida soviética de 1935 no Brasil. Ainda que a expressão “Intentona” seja considerada desonrosa por determinados setores simpáticos à ação^{xxxviii}, a designação é etimologicamente correta, já que “intentona” significa “intento louco, plano insensato”, o que, para Boris Fausto (2006, p.75), bem corresponde ao episódio.

A despeito do saldo inconclusivo de mortes^{xxxix}, o planejamento da Intentona se mostra frágil, beirando ao relapso, diante das pretensões revolucionárias do levante. Quanto aos seus impactos psicossociais, no entanto, cabem ainda estudos. O episódio é uma peça do quebra-cabeças para quem busca compreender o posicionamento das Forças Armadas, uma década à frente, quando a Guerra Fria dividiu o mundo em ideologias antagônicas. Anualmente, desde 1936, uma cerimônia^{xli} é realizada, frente ao monumento-túmulo, em Praia Vermelha, onde constam o nome de 31 militares legalistas que tombaram no massacre^{xlii}.



Abstract

In the interwar period, when Armed Forces around the world were still processing the advancement of HF Communications evidenced in the First War, foreign infiltration was undertaken unsuccessfully on Brazilian soil. This article aims to analyze the structure and planning of communications, used by the invading forces, in the event that would become a milestone in the military and country's history: the Intentona of November 1935. Through a bibliographical review, it was found that, despite Soviet financing, Command and Control failures contrasted with the ambition of the enterprise and contributed to its failure.

Keywords: Military History. Command and Control. Intentone of 1935.

8 REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Agnaldo Del Nero. **A grande mentira**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

ARAGÃO, Campos de. **A intentona comunista de 1935**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

CARNEIRO, Glauco. **História das revoluções brasileiras**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas**: o poder e o sorriso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha Comando e Controle - EB20-MC-10.205**. Brasília, 2015.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha Liderança Militar - C-20.10**. Brasília, 2011.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Estado-Maior do Exército. **Manual de Fundamentos Doutrina**

Militar Terrestre - EB20-MF-10.102. Brasília, 2019.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). Niterói: Eduff, 2020.

REIS, Daniel Araão. **Luís Carlos Prestes**: um revolucionário entre dois mundos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TRESPACH, Rodrigo. **Histórias não (ou mal) contadas**: revoltas, golpes e revoluções no Brasil. Rio de Janeiro: Harper Colins, 2017.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História do Brasil**. 2. ed. atual. São Paulo: Scipione, 2009.

WAACK, William. **Camaradas**: nos arquivos de Moscou: a história secreta da revolução brasileira de 1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

i Estabelecimento de ligações de comunicações, normalmente feito por meio de radiofrequência, meios físicos, tais como cabos telefônicos ou ópticos ou sinais visuais (Ministério da Defesa, 2015, p.1-3).

ii Waack, 1993, p.205.

iii Fausto, 2006, p.73.

iv Waack, 1993, p.44 e 212.

v Aragão, 1973, p.18.

vi Brasil. Presidência da República. Lei nº 38, de 4 de abril de 1935. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/l0038.htm>. Acesso em: 05 de ago. de 2024.

vii Motta, 2020, p.205-206.

viii Vicentino, 2009, p.361.

ix Aragão, 1973, p.48.

x Motta, 2020, p.208.

xi Waack, 1993, p.55.

xii Expressão utilizada pela primeira vez pelo general Isidoro Dias Lopes, em referência ao caráter mítico atribuído à chamada Coluna Prestes (Reis, 2014, p.110).

xiii Waack, 1993, p.157.

- xiv Waack, 1993, p.225.
- xv Motta, 2020, p.206.
- xvi Waack, 1993, p.145 e p.198.
- xvii Waack, 1993, p.156.
- xviii Fausto, 2006, p.74.
- xix Partido Comunista da União Soviética.
- xx Em especial, as Considerações Civis (Ministério da Defesa, 2019, p.5-8).
- xxi Reis, 2014, p.184.
- xxii Ministério da Defesa, 2015, p. 1-2.
- xxiii Motta, 2020, p.143.
- xxiv Estilo de liderança caracterizado pela centralização das decisões pelo líder em detrimento do assessoramento dos subordinados. O C-20-10, “Manual de Campanha de Liderança Militar”, aponta que, quando empregado indiscriminadamente e por tempo prolongado, a liderança autocrática tende a desgastar os vínculos afetivos entre o comandante e os comandados, bem como restringir capacidades e gerar resultados negativos para o atingimento das metas de um grupo.
- xxv Ministério da Defesa, 2015, p.2-2.
- xxvi Reis, 2014, p.182.
- xxvii Waack, 1993, p.203.
- xxviii Reis, 2014, p.188.
- xxix Acrônimo em russo para Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti, ou Comitê de Segurança do Estado.
- xxx Trespach, 2017, p.163.
- xxxi Ao menos segundo a versão fornecida pelas autoridades (Fausto, 2006, p.77).
- xxxii Waack, 1993, p.300.
- xxxiii Judia, Olga seria deportada para Alemanha, onde morreria, vítima do regime nazista, em uma câmara de gás.
- xxxiv Motta, 2020, p.212.
- xxxv Dentre os panfletos apreendidos, constam promessas de promoção e concessão de estabilidade aos sargentos, além de aumento dos salários. Ver Aragão, 1973, p.97.
- xxxvi Como, por exemplo, no Quartel-General da 1ª Região Militar, onde o tenente Augusto Paes Barreto foi preso na noite de 26 enquanto anunciava aos subordinados que, a partir daquela data, Prestes liderava a transição do Brasil para um regime de caráter comunista. Ver Aragão, 1973, p.78.
- xxxvii Motta, 2020, p.212.
- xxxviii Ver: <https://pcb.org.br/portal2/9846>. Acesso em: 05 de ago. de 2024.
- xxxix Entre as fontes referenciadas, o número varia de 100 a 720.
- xli VÍTIMAS da Intentona Comunista de 1935 são rememoradas.
- TV CML, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pu01vgtLHW8>. Acesso em: 03 de ago. de 2024.
- xlii Aragão, 1973, p.139.